

# Infâncias, memórias e (re)existências: Um lugar sensível do estar em contínuo movimento do aprender a aprender a ser

Mariana Borges Lemes

Tempos de distâncias que nos inundam, afetam nosso ser por completo como rebentação forte, sem dó que bate e rebate a ausência de vida em movimento.

Movimento necessário que nossos corpos suplicam pelo abraço amigo, pelo ir e vir cotidiano e corrido das rotinas que nos faltam, além dos muros de casa.

Esses invisíveis que nos cercam nesse assombroso 2020, ruínas de incertezas, paralisias e isolamentos.

Casa como sinônimo de lar já não existe, pois o refúgio foi roubado pelas entradas intrusas produzidas pela câmera das telas em salas de aula improvisadas, imprevistas e vistas por olhos curiosos, sofridos que buscam um contato, um aceno, uma presença.

Ser professor, ser estudante, ser criança e ser infância, nesses tempos, é de coragem, ação do coração que pulsa por dias de aprendizados mais leves e alegres...

Da minha janela e pátio, ouço vozes de crianças que brincam e correm rindo alto com seus pares, gritos de presenças que inundam e aquecem nossos corações com entusiasmo, memória afetiva e esperança de dias melhores.

Vozes vizinhas que, apesar do silêncio do mundo adulto do "home office", ainda pulsam nas crianças simbolizando a vida que urge em alegria e ânimo de que não temos tempo para vir a ser, o hoje é que

*Memórias, arte e (re)existências: infâncias em tempos de pandemia de Covid-19 e em outros tempos*  
Infâncias, memórias e (re)existências: Um lugar sensível do estar em contínuo movimento do aprender a aprender a ser

importa e precisa ser vivido e sentido com a corporeidade do ser brincante.

Viver é ser e estar pulsante, brincante, criando possibilidades de proximidades... ser inventivo por natureza é o que somos.